

A (RE)DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE DA JUVENTUDE ESCOLAR CATÓLICA (JEC) NO FINAL DA DÉCADA DE 60 *

DAVID SOARES **

Introdução

A Juventude Escolar Católica (JEC) foi um organismo especializado da Acção Católica Portuguesa (ACP), instituída em Portugal em 1935 e visava a formação integral da juventude pelo estudo, pela piedade e pela acção, tendo-se implantado em Portugal no plano nacional, diocesano e local. Esta sua implantação era acompanhada por uma organização consistente em estabelecimentos oficiais ou particulares do ensino secundário, que incluía as escolas do magistério primário e o curso médio do conservatório nacional ¹.

A sua organização era garantida pela existência de equipas de militantes e de equipas de coordenação. As equipas de militantes, base do movimento jecista, eram compostas por jovens leigos que podiam formar-se dentro ou fora de um estabelecimento de ensino, sendo indispensável a existência de algumas afinidades entre os membros destas equipas. As equipas de coordenação eram compostas pelos líderes destas equipas, onde o assistente eclesiástico desempenhava um papel preponderante como conselheiro e orientador. O assistente eclesiástico era considerado um membro da equipa que tinha uma função de natureza ministerial ou hierárquica, fomentando as relações entre os leigos e os bispos e a adesão dos

* A presente nota de investigação é o resultado preliminar de um estudo sobre a juventude e possui um carácter provisório, quer nas ideias, quer na narrativa, já que ambas podem vir a ser revistas pela investigação em curso.

** Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e mestrando em História Contemporânea na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

¹ Cfr. FONTES, Paulo – Juventude Escolar Católica/Juventude Escolar Católica Feminina (JEC/JECF). In *Dicionário de História de Portugal*. 1ª ed. Porto: Figueirinhas, 1999, vol. VII, p. 341.

jovens crentes ao espírito e à doutrina da Igreja Católica, respeitando as características laicais do movimento.

Esta relação entre o militante e o assistente eclesiástico tornava-se um ponto nevrálgico e sensível no percurso do movimento juvenil: por um lado, na função de assistente eclesiástico convergiram expectativas diferenciadas quando não antagónicas por parte dos militantes e da hierarquia eclesial e, por outro lado, a vivência das tensões daí resultantes entre um acompanhamento distanciado ou uma intromissão ostensiva nos trabalhos do movimento jecista. Em grande medida, nesta tensão jogou-se a construção da identidade do movimento que passou por dois momentos aqui analisados: a influência dos assistentes eclesiásticos e dos militantes na organização e na eficácia da JEC.

Para a elaboração deste trabalho, foram utilizados como fontes dois *dossiês* de um arquivo particular, relativos aos campos de férias da JEC que tiveram lugar em Gouveia e na Praia de Mira, respectivamente, em 1968 e em 1970, para além de apontamentos da história do movimento jecista que permitiram enquadrar este trabalho no período compreendido entre 1965 e 1970.

Em suma, esta nota de investigação não pretende fazer uma história da JEC mas pontualizar alguns problemas que permitam situar e valorizar uma organização que tem como factor determinante a influência social e a formação dos indivíduos, por parte da Igreja Católica, de acordo com os princípios do catolicismo, com um especial envolvimento daqueles que não fazendo parte da hierarquia eclesial, eram leigos, ou seja, eram católicos que viam crescer o seu significado dentro da Igreja Católica pelo tipo de envolvimento no meio escolar e na sociedade.

1. A influência dos assistentes eclesiásticos na organização e na eficácia da JEC

As relações entre a Juventude Escolar Católica e a Igreja hierárquica estavam fortemente relacionadas com a organização e a eficácia do movimento católico que era garantida sobretudo por padres, denominados de assistentes eclesiásticos². Eram eles que, fiéis à missão da Igreja Católica, procuravam guiar o movimento estudantil e de quem dependia a continuidade e a direcção do movimento católico e a capacidade da Igreja Católica intervir no meio escolar e na sociedade.

O assistente eclesiástico era a presença da hierarquia na equipa da JEC, assegurando a cooperação directa com o apostolado hierárquico, tendo uma função de natureza ministerial. Animado por um espírito de serviço, deveria agir sempre em diálogo e entreadjuada com os militantes, sendo co-responsável nas decisões da equipa jecista, respeitando a característica laical do movimento. As suas tarefas

² Cfr. *ibidem*, p. 342-343.

consistiam sobretudo na formação dos militantes através de um acompanhamento espiritual ou do aconselhamento das equipas de base e das equipas de coordenação da JEC³. Foi pelo desempenho destas suas tarefas que os assistentes eclesiásticos diminuíram a capacidade das equipas de militantes pensarem e de perspectivarem a acção apostólica do movimento, conduzindo, pelo agravamento da descrença dos militantes na hipótese de realizarem um trabalho válido, ao seu progressivo afastamento das estruturas de coordenação. Este processo desencadeou no seio do movimento jecista, uma oposição entre os dirigentes juvenis, enquanto leigos estudantes, e os assistentes eclesiásticos, pelo facto de na sua função convergirem expectativas diferenciadas, quando não antagónicas. Estas perspectivas estavam relacionadas com o desempenho e a sustentação das funções dos representantes da hierarquia eclesial que colocavam questões em torno da identidade e da função do padre, particularmente nos órgãos de coordenação, que assumiam a responsabilidade de promover o lançamento de novas equipas de militantes. Nas circunstâncias concretas do seu funcionamento, foi inevitável a preponderância do assistente eclesiástico e a sua redução a alguns militantes que, sendo leigos, entraram na JEC sem experiência de movimento através das estruturas nacionais de coordenação.

Deste modo, a figura do assistente eclesiástico tornou-se relevante na definição da estratégia de trabalho do movimento juvenil, revelando-se pouco consensual e geradora de conflitos internos com os dirigentes juvenis que se avolumaram, na segunda metade dos anos 60 do século XX, ao ponto de se iniciar todo um esforço de reunir os assistentes eclesiásticos em ordem ao confronto de experiências dos seus trabalhos e à tomada de posição face a determinadas realidades do movimento e do meio escolar.

No primeiro encontro nacional de assistentes, realizado em 1967⁴, abordaram-se os temas da missão da JEC no meio escolar, do papel do assistente no movimento e do trabalho de coordenação. Contudo, apesar da irradiação da responsabilidade dos assistentes eclesiásticos na organização e na eficácia do movimento juvenil, os militantes encararam progressivamente como exigência reflectir sobre a identidade, o rumo e a evolução da JEC. Este esforço foi acompanhado por uma formulação constante – expressa em diversas tentativas – de conceber a estrutura do movimento que se compunha basicamente de equipas de base, de equipas de coordenação e da definição do Conselho Nacional como órgão máximo do movimento que tinha como finalidades a definição da orientação geral e da vida interna do movimento e o ser testemunha da Igreja Católica no meio estudantil nacional⁵.

³ Cfr. Assistentes. In *II Campo de Férias Nacional da JEC/F*. Gouveia, 1968.

⁴ Cfr. *Apontamentos para a história do movimento JEC*. Lisboa: Centro de documentação da JEC portuguesa, s.d, p. 7.

⁵ Cfr. Estrutura. In *II Campo de Férias Nacional da JEC/F*. Gouveia, 1968.

Esta estrutura, se bem que ainda fortemente influenciada pelos assistentes eclesiais, testemunhava reacções significativas que comprovavam o peso crescente dos militantes leigos: o abandono do movimento por alguns padres, essencialmente professores de religião e moral, e o início de uma atitude de desconfiança por parte da hierarquia eclesial, incapaz de ler nesta conscientização dos militantes a “*originalidade*” de um movimento de jovens cristãos. A fractura entre a hierarquia eclesial e o movimento laical agudizou-se a partir do momento em que a JEC se encontrou interpelada pela Igreja Católica em episódios pontuais que serviram para marcar a sua posição perante a realidade social e política na década de 60 do século XX. Exemplo disso foi a concorrência e a disputa entre a JEC e a Mocidade Portuguesa pelo controlo e pelo enquadramento da juventude. A referência ao Decreto-lei nº 47.311 de 12 de Novembro de 1966 proibiu a criação de organismos juvenis a nível escolar, dando o monopólio da liberdade associativa à Mocidade Portuguesa ⁶. Neste processo, a JEC colocou-se em oposição à ligação que se pretendia estabelecer entre o Estado Novo e a Igreja Católica, opondo-se a pretensões totalizantes.

Estas tensões que afectavam a relação dos militantes com a Igreja hierárquica foram abordadas em Junho de 1968, em Gouveia, num encontro de assistentes ⁷. Aí, debateu-se exaustivamente sobre a possibilidade da Igreja Católica influenciar o meio escolar através da imposição das acções dos assistentes eclesiais no movimento, tendo sido preparado um trabalho contínuo de reflexão e de ligação assistencial ao movimento jecista, de modo a conjugar esforços numa «planificação comum sobre o movimento e sobre o seu papel nele» ⁸.

Porém, o esforço de reflexão acerca da experiência que o movimento realizava era, desde já, um sintoma do progressivo afastamento dos assistentes eclesiais da liderança dos trabalhos de coordenação da JEC. A revisão do trabalho assistencial foi sendo cada vez mais progressiva e espaçada, de carácter anual, e foco de discussão em campos de férias de militantes. A espiritualidade do movimento e a realidade pastoral do movimento juvenil corporizavam-se autonomamente dos assistentes, cujo papel foi sendo secundarizado ao ponto de, no final de década de 60 do século XX, se reflectir na reconfiguração do papel do assistente e na substituição do assistente nacional.

Nestes momentos foi visível a procura, pelo movimento juvenil, da superação de uma fase de uma crise identitária da JEC, perspectivando-se o trabalho e definindo-se as suas estruturas através da síntese entre os planos de acção militantes e as orientações gerais do movimento. Foi a partir desta combinação que os

⁶ Cfr. Os jovens e as estruturas. In *II Campo de Férias Nacional da JEC/F*. Gouveia, 1968.

⁷ Cfr. 2º Encontro Nacional de Assistentes. In *II Campo de Férias Nacional da JEC/F*. Gouveia, 1968.

⁸ Cfr. Assistentes. In *II Campo de Férias Nacional da JEC/F*. Gouveia, 1968.

militantes jecistas se revelaram capazes de apresentar uma proposta para os jovens do meio escolar no final da década de 60 do século XX na procura de assumir assim «a sua tarefa própria de renovação de ordem temporal»⁹. Verificaram-se algumas aquisições fundamentais para o movimento que, procurando superar uma aparente dicotomia entre acção e espiritualidade, formularam uma proposta de movimento com base na sua prática de empenhamento e de fé cristã.

As próprias bases do movimento jecista empenharam-se num diálogo com alguns prelados, que procuraram encontrar conjuntamente uma capacidade de se situarem no movimento, reatando relações que nunca foram pacíficas, tendo em vista um avanço unísono e identitário da JEC.

Porém, as diferentes maneiras de encarar a presença cristã no mundo e a sua acção, determinaram diferenças profundas nas acções dos militantes, na pedagogia, na concepção deste movimento apostólico e, conseqüentemente, na definição da sua identidade.

2. A influência dos militantes na organização e na eficácia da JEC

A existência de um movimento apostólico de militantes relaciona-se com a própria condição do crente e da comunidade. A definição que o movimento dá de si mesmo, no seu início, e a intuição que o acompanha no decurso da sua história atribuem ao movimento, como característica essencial, a sua condição de movimento apostólico, isto é, orientado para a comunicação da fé ou da experiência religiosa. Nesta concepção, os militantes desempenharam um papel nevrálgico para a construção identitária da JEC.

O caminho escolhido para realizar esta comunicação e as circunstâncias históricas em que o movimento foi convidado a desenvolver as suas actividades, contribuíram, frequentemente, para colocar em questão esta orientação fundamental, sem que nunca tenha havido uma recusa completa ou definitiva da parte do próprio movimento em comunicar a sua fé através de uma acção no meio escolar.

No entanto, no interior da JEC não era facilmente concebível aceitar a expressão da fé e a sua comunicação fora de um compromisso, porque o movimento oferecia dois elementos essenciais ao jecista: o lugar, a ocasião de realizar um confronto, uma crítica e um aprofundamento da condição de militante, representando um apelo ao impulso apostólico pela sua comunicação, e o desejo de comunicar explicitamente a sua fé, não havendo «sentido em movimentos que reivindicam uma identidade cristã e cuja razão de ser não inclua a fé»¹⁰. A existência do movimento

⁹ Cfr. Orientação do movimento. In *II Campo de Férias Nacional da JEC/F*. Gouveia, 1968.

¹⁰ Cfr. O problema da justificação da existência de movimentos de militantes cristãos. In *1º Campo de Férias para Estudantes do Ensino Secundário*. Praia de Mira, 1970.

apostólico juvenil justificava-se, em parte, com o próprio dinamismo da fé em que o compromisso era a maneira de comunicar com os outros por um diálogo. Sendo a fé concebida pelo cristão como um dom e uma adesão a Cristo, tem em si um dinamismo próprio que conduz o crente a desejar partilhar este bem e a comunicá-lo aos outros como fruto do seu empenhamento.

Neste sentido, a influência dos militantes jecistas nasceu da reflexão da atitude da JEC como movimento de empenhamento cristão, dando um conteúdo à expressão da fé, através de um compromisso ¹¹.

A reflexão em torno do modo como se procederia socialmente na irradiação da fé foi realizada sobretudo nos encontros nacionais de militantes ¹². Aí, foi perspectivada a alteração do ritmo e do rumo de acção imposta pelo meio social, numa tentativa de dar respostas aos problemas do meio escolar. Foi a partir da descoberta do encontro, que funcionava como espaço de reflexão onde se apurava o significado concreto do empenhamento cristão, que o movimento jecista se tornou progressivamente num movimento de formação em ordem à própria acção no meio estudantil. Eram momentos mobilizadores do movimento onde se fazia «o ponto de toda a actividade realizada [...] analisando a sua eficácia e corrigindo a sua orientação [...] intensificando a sua acção e expansão» ¹³, equacionando o trabalho nacional e reposicionando as relações entre os militantes jecistas. Nesses encontros nacionais de militantes abordava-se o trabalho militante nas suas múltiplas dimensões, analisando-se, por exemplo, o meio estudantil e o tipo de comportamento que o militante da JEC expressava face aos problemas do meio escolar, a comunicação entre a escola e a sociedade, procurando compreender-se quais os mecanismos e as espécies de relações sociais existentes, reflectindo-se em torno da fé, do compromisso e do tipo de confronto que os militantes realizavam, na base, entre a sua prática quotidiana no meio e a sua fé.

Os encontros tornavam-se cada vez mais essenciais na capacidade dos militantes jecistas definirem com clareza os objectivos do movimento, colocando a JEC como um movimento de evangelização juvenil empenhado no meio estudantil. Para que esta componente identitária se consolidasse, os militantes em grupos de base realizavam um confronto entre o seu comportamento de vida e a sua fé, ou seja, procuravam sintetizar um crescimento face à vida e face à expressão da sua fé. Para os militantes, este confronto revelava-se insípido, sendo necessária a

¹¹ É certo que o termo «compromisso» fazia parte do vocabulário de todos os movimentos apostólicos, mas não encerrou sempre a mesma realidade em cada um deles, sofrendo, no interior da JEC, uma evolução marcada pela vontade de agir e pela própria acção, expressão da condição de militante.

¹² Cfr. Dinâmica de grupos e comunidades de fé. In *1º Campo de Férias para Estudantes do Ensino Secundário*. Praia de Mira, 1970.

¹³ Cfr. A evolução e a vida da JEC/F com as suas experiências no movimento. In *1º Campo de Férias para Estudantes do Ensino Secundário*. Praia de Mira, 1970.

iniciação dos jovens estudantes não só nos problemas escolares, familiares, afetivos e sexuais mas também a uma iniciação que os conduzisse, interpelados pelas realidades em que viviam, a passar de uma expressão de fé litúrgica e sacramental a uma acção católica.

Esta conscientização dos jecistas na importância de uma acção católica, conduziu o movimento estudantil numa caminhada conjunta em que o trabalho de base se caracterizou fundamentalmente pelo agrupamento de militantes empenhados em praticar a revisão de vida ¹⁴. A pedagogia denominada de revisão de vida que, em grande medida, partia do acontecimento e que se concretizava no agir, constituía a base do trabalho em equipa e a pedagogia de toda a dinâmica do movimento. Praticar o método da revisão de vida, ou seja, “*ver, julgar e agir*”, implicava uma interrogação perante a complexidade dos acontecimentos, olhando a realidade de uma forma “*criativa*” e plural, procurando caracterizar cada situação e as suas causas, a sensibilidade das pessoas que constituíam a sociedade, com quem o movimento lidava, e quais os diferentes níveis (político, económico, cultural, social e religioso) nela implicados, que repercussões e o porquê dessas repercussões, construindo uma visão mais ampla e objectiva da realidade. No julgar os factos, os acontecimentos são confrontados com a vocação humana, isto é, a partir de uma situação particular há uma referência aos planos e aos desígnios de Deus fruto de um olhar comprometido e empenhado em que o agir se transfigura numa projecção de uma tomada de consciência, sendo uma dinamização da acção.

A revisão de vida era assim mais do que um método: era uma filosofia de vida, o instrumento pedagógico essencial da JEC, permitindo, pela fé, a interiorização da presença de Cristo através de uma reflexão na qual a equipa de militantes jecistas, como núcleo da Igreja Católica, se descobria como participante e responsável nos acontecimentos do seu meio. Não obstante, a revisão de vida devia ser compreendida, experimentada e recriada por cada um, individualmente e nos diversos espaços comunitários.

Fruto desta vertente pedagógica, os estudantes jecistas consideravam-se aptos para detectar os problemas cruciais da sua época, agindo na transformação da sociedade através da assunção de responsabilidades próprias dentro do meio escolar. Isto significou a comunicação da fé por intermédio de um compromisso com a realidade social, forjando a identidade da JEC como um lugar privilegiado da experiência da fé e da prática apostólica, tomado no seu sentido mais corrente, isto é, como facto de intervir e de tomar posição, enriquecendo-se pouco a pouco, com as experiências dos militantes. Essas experiências eram fruto de opções livres, não se tratando, para os militantes jecistas, de sofrer os acontecimentos históricos mas de se situarem perante eles como sujeitos conscientes, livres e activos na sua construção. Pelo próprio desafio que a realidade escolar colocou

¹⁴ Cfr. Bases comuns da JECI. In *II Campo de Férias Nacional da JEC/F*. Gouveia, 1968, p. 1-12.

ao militante, o compromisso caracterizou-se por um constante processo de conversão que tendeu a identificar-se com uma maneira *suis generis* de estar no mundo, continuamente a ser colocada em questão.

No fundo, não era a pessoa do militante como tal que (re)definía a identidade do movimento mas, sim, a sua condição de comprometido.